

■ **LUTO EM MOÇAMBIQUE**

Contemporâneo de Mondlane e Samora Machel dedicou a sua vida à causa dos moçambicanos

# Morreu Marcelino dos Santos dirigente histórico da FRELIMO

Político e nacionalista moçambicano foi um combatente destemido pela liberdade contra o colonialismo português

**Marcelino dos Santos**, um dos fundadores da Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO), morreu, ontem, aos 90 anos, anunciou o Chefe de Estado moçambicano, Filipe Nyusi, sem avançar as causas da morte.

“Perdemos o nosso ícone, o camarada Marcelino dos Santos”, disse o Presidente moçambicano, no final de um comício em Pemba, província de Cabo Delgado.

“Iremos nos organizar, como Governo, porque ele já foi proclamado herói nacional. Não esperámos que acontecesse o que hoje aconteceu para o declararmos nosso herói”, afirmou.

Marcelino dos Santos, um dos símbolos do nacionalismo africano, foi uma destacada figura na política de Moçambique. Foi um dos fundadores da FRELIMO, na altura a organização que combateu o colonialismo português em

Moçambique. No pós-independência continuou a assumir posições de relevo quando a FRELIMO passou a partido e assumiu o Governo, liderado por Samora Machel.

O historiador moçambicano Yussuf Adam destacou que Marcelino dos Santos “imprimiu algo muito importante dentro da FRELIMO, que era o respeito pelas coisas públicas, o respeito por aquilo que era da organização, a disciplina, etc.”. “Como dizia Aquino de Bragança”, recorda o historiador, “Marcelino nunca foi presidente da FRELIMO, tinha as funções que lhe eram dadas e executava-as. Mas tinha uma grande característica: era o líder anti-líder, era aquele que conseguia dirigir sem ser chefe formal e isso é algo que realmente devemos a Marcelino dos Santos.”

Escreveu os primeiros estatutos da FRELIMO, em consequência da união dos três

movimentos nacionalistas: UDENAMO, MANU e UNAMO. Logo após a independência, Marcelino dos Santos foi o primeiro ministro da Planificação e Desenvolvimento e foi igualmente presidente da primeira Assembleia Popular até 1994, ano em que Moçambique realizou as primeiras eleições da história. O seu combate não se cingiu ao campo político, a escrita também foi um instrumento que usou para combater, vestindo a pele de Lilinho Micaia e Kalungano. “Canto do Amor Natural” foi o único livro publicado com o seu nome, Marcelino dos Santos.

Na época em que a poesia de combate era a onda em que os independentistas navegavam, publicou poemas no jornal Brado Africano em Moçambique e em duas antologias publicadas pela Casa dos Estudantes do Império, em Portugal.